



CENÁRIO MACROECONÔMICO

NOVA VARIANTE DA COVID-19 AUMENTA RISCO DE INFLAÇÃO NO MUNDO

Em novembro de 2021, o mundo se deparou com uma nova variante da COVID-19, a Ômicron. Apesar de pouca informação sobre suas características, os investidores globais estão mais preocupados. Com esta nova variante o risco mundial de inflação elevada, juro em alta e crescimento em baixa pode se intensificar.

A grande maioria das economias ao redor do mundo, inclusive países desenvolvidos, já atingiu patamares elevadíssimos de gastos públicos e não teriam tanto espaço fiscal para continuar estimulando suas economias por muito mais tempo sem gerar uma inflação descontrolada, a principal vilã mundo afora atualmente.

No Brasil, depois da tempestade observada em outubro, veio a calmaria, pelo menos momentaneamente. Os investidores por hora parecem se conformar com a péssima situação fiscal que o país se encontra e aproveitaram para alocar em ativos relativamente baratos, em especial títulos públicos, que apresentaram excelentes rentabilidades no mês de novembro.

Por aqui, o grande risco continua sendo o quadro fiscal e, como estamos em uma situação um pouco mais delicada, uma nova variante, se não controlada, pode forçar o Governo Federal a entrar novamente em Estado de Calamidade, o que permitiria ainda mais gastos fiscais no curtíssimo prazo.

Seguindo a mesma lógica dos demais países do mundo, a nossa inflação está em patamar perigoso, atingindo 10,67% nos últimos 12 meses. A nossa taxa de juros, a SELIC, foi elevada novamente na última reunião do COPOM e já está em 9,25%, com expectativas de atingir pelo menos 11,25% em 2022. O crescimento do PIB está cada vez menor, sem contar que temos uma eleição pela frente.

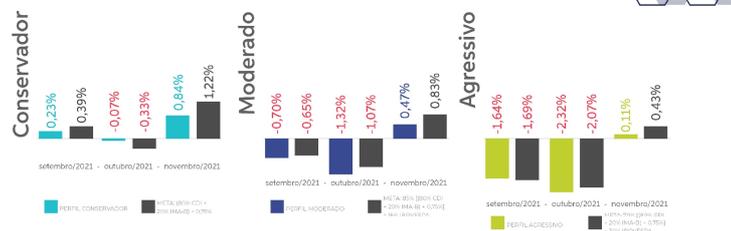
Estes riscos, tanto no cenário brasileiro quanto no cenário global, vêm prejudicando o retorno das carteiras de investimentos neste ano, é fato. Por outro lado, momentos como o que estes abrem janelas de oportunidades para alocação de investimentos, vide o observado com os títulos públicos em novembro 2021.

A incerteza e o risco elevado no curto prazo são ruins para o investidor de curto prazo que está alocado em ativos de longo prazo, ou seja, com uma carteira desequilibrada. Todavia, para o investidor de longo prazo, com ativos de longo prazo, o momento pode ser interessante, é o que o histórico dos ativos nos mostra. Entende-se por uma carteira equilibrada o casamento entre ativo e passivo, e neste caso, o ativo é a característica do seu investimento e o passivo o prazo, as necessidades e os objetivos que você busca.

Posto isto, no mês de novembro, os títulos públicos indexados à inflação (NTN-B ou Tesouro IPCA) apresentaram retorno de 3,47%, já os títulos públicos prefixados (LTN, NTN-F ou Tesouro Prefixado) apresentaram retorno médio de 1,79%. Os títulos públicos pós-fixados (LFT ou Tesouro SELIC) apresentaram retorno de 0,62%, enquanto, o ativo livre de risco, representado pelo CDI, rentabilizou no mesmo período 0,59%.

Na bolsa de valores, o IBOVESPA, principal índice acionário brasileiro, rentabilizou -1,53%, enquanto, no exterior, o MSCI World e S&P 500, principais índices acionários do mundo, rentabilizaram -2,30% e -0,83% respectivamente.

RENTABILIDADE



COMENTÁRIOS SOBRE OS INVESTIMENTOS

O mês de novembro de 2021, diferentemente dos últimos dois meses, apresentou um cenário mais tranquilo para os investidores. Dessa vez, os títulos públicos foram os ativos que mais se valorizaram no mercado brasileiro, com grande destaque para os títulos atrelados à inflação. Os títulos prefixados também tiveram bom desempenho no mês. Por outro lado, a bolsa brasileira, bem como a renda variável mundial apresentou desempenho ruim frente às novas ameaças da nova variante e aumento da inflação.

No comparativo com as metas, todos os perfis apresentaram retorno positivo, todavia, ainda abaixo de seus respectivos benchmarks. O Perfil Conservador, apesar da excelente rentabilidade no mês, não superou seu benchmark por possuir alocações em ativos multimercados e no exterior, representados pelos fundos Santana e T-Cross, que sofreram no mês com a situação mundial de aversão ao risco por conta da nova variante e aumento da inflação. No ano, ambos os fundos estão contribuindo positivamente para os perfis.

Como pontos de destaque deste mês temos os fundos de renda fixa voltados para títulos públicos e o fundo de crédito com excelentes desempenhos.

RENTABILIDADE HISTÓRICA PERFIS E METAS VWPP

Perfis e Metas	No Mês	No Ano	12 Meses	24 Meses
PERFIL CONSERVADOR	0,84%	2,36%	3,06%	4,73%
(80% CDI + 20% IMA-B) + 0,75%	1,22%	3,29%	3,46%	6,53%
PERFIL MODERADO	0,47%	-0,17%	1,76%	4,63%
85% [(80% CDI + 20% IMA-B) + 0,75%] + 15% IBOVESPA	0,83%	0,67%	2,21%	6,12%
PERFIL AGRESSIVO	0,11%	-2,94%	0,18%	3,92%
70% [(80% CDI + 20% IMA-B) + 0,75%] + 30% IBOVESPA	0,43%	-2,00%	0,84%	5,17%

Diretoria de Investimentos
Luz Paulo Brazziza (AETG - Administrador Estatutário Tecnicamente Qualificado)

Notas:
Perfil Conservador: 100% Renda Fixa e Investimento Estruturado
Benchmark: 100% CDI
Perfil Moderado: 85% Renda Fixa, Investimento Estruturado e exterior + 15% Renda Variável
Benchmark: 85% CDI e 15% IBX 100
Perfil Agressivo: 70% Renda Fixa, Investimento Estruturado e exterior + 30% Renda Variável
Benchmark: 70% CDI e 30% IBX 100

Obs: A partir de Janeiro/2020, o cálculo da rentabilidade passará a ser apurado através da cota contábil.

